

“ALGUNS CONSELHOS ÚTEIS”: ENTRE NORMAS E CONSELHOS NOS MANUAIS DE CONDUTA DAS DÉCADAS DE 1950-1960.

Thalita Mariana Moura Ribeiro

Universidade Federal de Campina Grande. thalitamr@gmail.com

Introdução

No Brasil, mais precisamente nas décadas de 50 e 60 (século XX), homens e mulheres em seus cotidianos, de acordo com o frenesi dos tempos modernos, mergulhavam-se sob a influência do “novo”, viviam uma nova cidade, cada vez mais agitada e corrida; isto foi possível através do crescimento populacional e dos centros urbanos, posteriormente oferecendo uma maior oferta de serviços, lojas comerciais e opções de lazer¹.

A década de 50 entra no cenário do povo brasileiro intitulada pela mídia, jornais e revistas, dentre outros discursos, como “anos dourados” e logo passa a fazer jus a esta característica, principalmente para aqueles que vivessem nos grandes centros urbanos, que acompanharam o agito e a velocidade dos novos veículos, das vitrines recheadas de produtos seguindo tendências do estrangeiro (desde os Estados Unidos à Europa, principalmente França - Paris), além da presença e desejo dos novos eletrodomésticos que prometiam vidas mais fáceis para as mulheres e certa praticidade obtida através dos produtos industrializados. Desta forma, os novos ventos permitidos pelas modernizações logo afetariam a vida das pessoas, exigindo destas que se comportassem adequadamente para um futuro próspero.

Ora, aqueles eram anos em que muitas vozes garantiam ardentemente que o desenvolvimento (a maximização do progresso capitalista) deveria ser alcançado pelo Brasil, custasse o que custasse, sob pena do país desencontrar-se definitivamente com o mundo moderno. Para estes arautos da *necessidade do desenvolvimento nacional* uma forma de realizar esse sonho era o reaparelhamento da educação no Brasil. (AGRA DO Ó, 2006: 10)

Por todos os lados, desde através da mídia ou da “nova” educação brasileira, partiam discursos dos mais diversos tipos, tentando influenciar a população a se comportar diferente, de acordo com o viés da modernidade, sendo esta uma “condição necessária para a efetivação do

1 “O Estado Novo foi um período muito fértil no que se refere à produção cultural, fatos que confirmam esta afirmativa, segundo SANTOS (2004, p.18-21), são o vertiginoso aumento de livros, revistas, folhetos, cartazes, programas de rádio com noticiários e números musicais, além do surgimento da rádio-novela, cine-jornal e documentários cinematográficos.” (ALMEIDA, GUTIERREZ, 2011)

desenvolvimento do Brasil”, como dissera Alarcon Agra do Ó (2006, p.10) em sua busca pela compreensão de uma Campina Grande da década de 50 em face à disputa política em 1959, cujo cunho principal era a modernização a qual vivenciava a cidade e reelaborava os ditames da vida cotidiana de seus cidadãos.

Tendo em vista essa concepção modernística, a qual a população brasileira vivenciava nos tempos de ouro, este trabalho propõe-se pensar especificamente como se encontravam os discursos direcionados à figura feminina no período destacado, deste modo, pensar qual era a mulher preferível para o futuro, segundo esses discursos, determinando normas e estipulando regras a serem seguidas por estas. Por exemplo, por um lado havia aqueles que acreditavam que o tipo de mulher mais voltado à *Amelia*² seriam as mulheres que permaneceriam em vigor no futuro:

A indústria cultural, principalmente europeia e norte-americana, inicia um trabalho maciço de conscientização das mulheres para que voltem ao lar e retomem as funções de mãe e dona de casa. As empresas de publicidade propagavam as maravilhas da vida doméstica, garantindo consumidoras para a compra de eletrodomésticos, artigos de decoração, utensílios do lar, cada vez mais práticos, tidos como indispensáveis para a dona-de-casa moderna. (SANTOS, 2011: 18)

Entretanto, o progresso³ proporcionou também a outra face da moeda. Segundo Santos (2011, p. 18-19) o progresso ofereceu “oportunidades de emprego, educação e informação, as mulheres de classe média saem de suas casas, ocupando novos postos de empregos, bancos de escolas e universidades.” Tais comportamentos duelam com a imagem por tantos anos veiculada no passado da dona de casa, limitada ao âmbito doméstico, causando conflitos de gênero nos campos do pensamento, conduta e moral.

A mídia passa a ser uma das divulgadoras destes atritos, por ditarem comportamentos, modas, jeitos e trejeitos, a isto, cabe, primeiramente, à influência do rádio (objeto de maior concentração nas casas brasileiras, devido ao seu baixo custo), da televisão em menor escala⁴, por ser artigo de luxo, assim como o cinema, dos artigos e propagandas presentes nas revistas, dos jornais – que cada vez mais se diversificavam, tratando de temas nunca antes vistos e atingindo um maior contingente populacional, logo, disciplinando mais – e de, posteriormente, dos conselhos e procedimentos de modelos culturais indicados nos manuais de conduta.

Em consequência disto, foi neste contexto de representações de códigos de conduta, anunciados através de diversos dispositivos, que certos manuais de boas maneiras passaram a fazer

2 Referência à mulher dona de casa cantada e aclamada pela voz de Ataulfo Alves, compositor e cantor de samba brasileiro.

3 “A noção de desenvolvimento pertence ao domínio da racionalidade, ela implica uma dimensão da sociedade na qual é possível atuar, desta ou daquela maneira. Neste sentido, ela não é constitutiva da sociedade. Trata-se de uma concepção datada historicamente.” (ORTIZ, 1991)

4 Mas nem por isso com menor consequência, visto que as imagens ajudavam a consolidar a influência das propagandas nas mentes dos consumidores.

cada vez mais parte da vida cotidiana da sociedade brasileira⁵, sendo vendidos em edições de bolso, desta forma, não sendo de alto custo e, posteriormente, podendo ser adquiridos por parte da população que fosse letrada da época. Neste artigo, analisaremos mais especificamente os manuais: *Aprenda as Boas Maneiras* de Dora Maria (1961) e *Tudo o Que Uma Dona de Casa Deve Saber* de Vera Sterblitch (1958), pois fazem ressonância às vozes de normalizações e desejos para um futuro sob os preceitos de boa conduta e etiqueta.

Sob esta perspectiva, procuraremos entender como foi elaborado o perfil feminino e como este ganhou visibilidade nos manuais de conduta. Quais eram os modelos de conduta mais difundidos? E por que certas sugestões destes manuais se mostravam mais apropriadas em uns do que em outros? Tendo em vista os públicos alvos de cada um. Desde que tenhamos em mente que estes modelos propostos podem diferir, visto que, por exemplo, as capacidades de consumo são diferentes, seja dos produtos modernos viabilizados pelas novas tecnologias da época, como também dos próprios manuais de conduta, enfim, batiam com realidades concretas e heterogêneas e, conseqüentemente, atingiam de formas distintas aos diversos segmentos da população.

Metodologia

Obtivemos como método a análise dos discursos, possíveis usos e representações presentes nos manuais de conduta, utilizando como pressuposto os ensinamentos e conceitos propostos por Roger Chartier, salientando que os manuais de conduta serviam ao propósito de normalizar comportamentos concebidos como “indesejáveis” e torná-los devidamente bem-educados e civis. Chartier (2004, p.48) disse que “sempre enunciada como modo de dever ser, a civilidade visa transformar em esquemas incorporados, reguladores, automáticos e não expressos das condutas, as disciplinas e censuras que ele enumera e unifica numa mesma categoria.”. Visto que eles, os manuais de conduta, são capazes de levar o leitor a ver e, talvez, viver de um modo específico, ditado, levando-o a repensar seu modo de comportar-se perante seu lar e a sociedade.

Durante a leitura, percebemos que os manuais registram uma história tensa, tendo em vista o contexto a qual fizeram parte e foram lançados, permeado por enfrentamentos e negociações, como o caso do feminismo, por exemplo, que estava em vigor e crescimento na época. História esta, dividida em gêneros que se complementam e se afastam ao sabor das conveniências morais e materiais, definindo e imprimindo comportamentos masculinizantes e feminizantes, a sociedade moderna encontrou em certos dispositivos, como os comentados acima, e dentre os quais, os manuais de conduta, um espaço de normatização de si mesma.

5 Salientando que não se tratava da primeira vez que esse tipo de manual circulava pelo Brasil, Código de Bom Tom de J. I. Roquette, por exemplo, faz parte do cenário brasileiro desde 1845.

Logo, podemos perceber a relevância do estudo da força domesticadora dos códigos de conduta que modelavam os sujeitos segundo formas civilizadas. Visto que, veiculavam e internalizavam em jovens consideradas pelos mais velhos como inadequadas (no sentido de transgressora) para a convivência em sociedade, um meio de se fazerem presentes. E a partir daí, poderem sentir o convite à liberdade da vida em público, poder olhar o outro de perto e poder conviver com este, de modo geral, poderem aproveitar o moderno advindo dos tempos de ouro.

Sob esta perspectiva, os conselhos, preceitos e normas transmitidas no manual e praticados no próprio espaço público, causavam uma certa segurança ao leitor e vivente das normas, visto que a possível intencionalidade de todas aquelas obras eram de permitir um “bem viver” entre os indivíduos, logo, supomos que haveria de se inquirir um certo estatuto de verdade. Sendo verdade, por exemplo, que “a pessoa cortês será notada, seja pobre ou rica, branca ou preta, moça ou velha”, como propôs Maria (1958, p.31) em seu Manual “aprenda as boas maneiras”.

Além de que, os manuais de conduta eram capazes de afirmar/reafirmar os sinais distintivos de gêneros, bem como o de classe e escolaridade, ou seja, acabaram por configurar as esferas públicas e privadas da sociedade. Salientando que não era somente esse tipo de meio a se normatizar, as escolas, higiene médica, dentre outros meios, também foram responsáveis, mas neste estudo objetivamos dar visibilidade a atuação dos manuais de boas maneiras neste cenário.

Os manuais contêm mapas para um percurso (materializados em índices por assuntos, páginas numeradas, questionários, desenhos ilustrativos, modos de fazer, exemplos edificantes) que pretendem enraizar-se numa cultura do gesto e do agir e podem valer como preciosos elementos de auxílio para “o entendimento de práticas culturais que contribuíram para a constituição do indivíduo moderno” (GOMES, 2004: 11). Práticas estas formadoras de padrões sejam estes padrões de beleza, comportamental, moral ou de higiene. Visto que a conduta e o código de conduta estão em movimento, pois, apesar de se tratar de um processo, é um processo muito lento, como afirma Elias (1990). Logo, essas práticas demoram a serem estabelecidas e difundidas, mas com o apoio e propagação de algum meio, como o do manual de conduta, se é possível agilizar esse procedimento.

Com precisão e certa sutileza, sendo breve, a transmissão de normas, condutas e valores, na clareza das ideias, na coerência da escrita, na envolvimento de imagens discursivas que se tecem em narrativas simples, quase informais, formavam sistemas de valores, ferramentas para a consolidação das formas e dos códigos intrínsecos de moralidade. Por definição, os manuais constituem-se recheados de conselhos, regras precisas e orientações de conduta pessoal, moral e social; atentando-se aos cuidados que o indivíduo leitor deverá prosseguir sobre si mesmo, estando no espaço público ou privado.

Instrumentos diretos de “condicionamento ou modelação”, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e a situação da sociedade onde vive tornam

necessários. E mostram ao mesmo tempo, através do que censuram e elogiam, a divergência entre o que era considerado, em épocas diferentes, maneiras boas ou más.” (ELIAS, 1990: 95)

O saber que circulava nos manuais de conduta era sempre relativo, haja vista que tratasse de uma compreensão que não antecede à organização social, mas é inseparável dela, já que foi produzida no decorrer do processo histórico. A Editora Gertum Carneiro S.A., popularmente conhecida como Editora Ediouro, de forte inserção nos extratos médios e baixos da sociedade, foi uma das que se beneficiou com esse novo tipo de leitura. Por ela foram lançados vários manuais dos mais diversos temas, dentre os quais, os manuais de códigos de conduta. Um dos mais destacados foi o “*Aprenda as Boas Maneiras*”, de autoria de Dora Maria, onde ela constrói um corpo escrito para as mulheres, buscando, também, inscrever no corpo de carne e de emoções das suas leitoras, diversos códigos de bom tom, de bem viver, ou seja, de civilidade, onde “nessas lições, gravuras e textos compõem uma unidade, operando pela reafirmação do comportamento exemplar, mesmo quando põem em cena o contra exemplo” (ROCHA, 2003:210). Ela faz circular entre as leitoras como elas devem se portar nos mais diversos ambientes, sejam eles, trabalho, escola, família, refeições e até nos funerais.

Logo na apresentação do livro “*Aprenda as Boas Maneiras*”, a autora se mostra bastante prestativa a seu “leitor amigo”. O livro destina-se não somente as classes altas, mas a popular. Se trata de um guia para a “vida atordoante” a qual viviam naquela época, onde pais e professores “se veem arrastados nessa carência de tempo e a geração que se forma vê-se na contingência de sofrer os resultados daquela deficiência.” (MARIA, 1961: 7)

A modernidade trouxe consigo, de forma geral, o desmembramento dos ritos e dos códigos pelos quais as sociabilidades tradicionais se estabeleciam, desta forma, tornando as vidas sociais cada vez mais rápidas e corriqueiras. Provavelmente o conselho referente aos pais e professores seja pelo medo do futuro, que há de se ter uma atenção especial para com as crianças, garantindo que elas tenham um futuro seguro sob a proteção das normas de conduta.

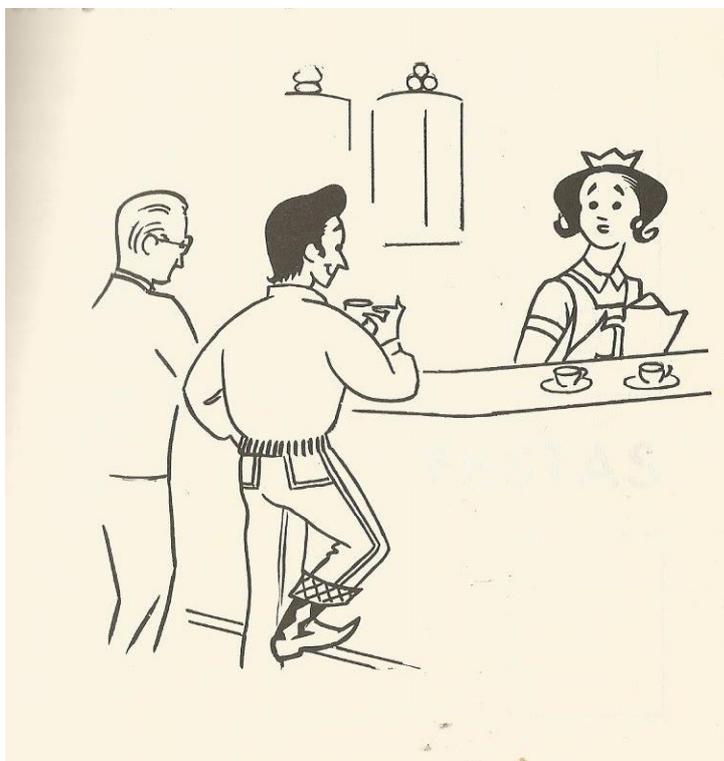
A cada capítulo, Dora Maria utiliza um método singular para prender a atenção do leitor e fazê-lo praticar o que ali está escrito, sendo todos os capítulos, como dito acima, direcionados a como comportar-se nos mais diversos ambientes: Dora inicia sempre com um questionário⁶, recomenda-se de forma implícita, visto que não há nada que de fato diga isto, que antes de ler, o leitor responda o questionário e “se as suas respostas conferem com o teor do capítulo VIDA EM FAMÍLIA, então você é bem educado em família.” (MARIA, idem: 11) Portanto, as intenções giram em torno do estatuto de verdade estipulado pelas normas do manual e, por conseguinte,

⁶ Segue em subsequente anexo um exemplo de um dos questionários contidos em *Aprenda as Boas Maneiras* de Dora Maria.

havendo a necessidade do leitor se qualificar enquanto certo ou errado, diante do escrito.

Outro ponto interessante a ser observado nesses manuais são as gravuras presentes no texto, que também fazem parte do discurso e imprimem significado. No capítulo de como se comportar nas refeições, por exemplo, há um tópico referente a “Chás - Cafés - à Saída”, que vem acompanhado de uma gravura para exemplificar o tópico, como melhor observado na Figura 1. Trata-se de uma moça de cabelos curtos, localizada após um balcão, expressando feição de surpresa perante o jovem cliente com vestes e modos de *James Dean*⁷, o que nos leva a pensar questões de gênero, trabalho, classe social, dentre muitos outros aspectos, por exemplo, visto que o que aquele jovem poderia ter dito para que ela ficasse tão surpresa.

FIGURA 1 - Chás - Cafés - à Saída



Fonte: Maria, Dora, 1961: 65.

O modo pelo qual homens e mulheres devem se posicionar, seja no trabalho ou em casa, para que não desrespeite o outro ou não estabeleça nenhuma situação de incômodo, como provavelmente significava na ilustração da Figura 1, faz com que manuais de conduta sejam tão necessários.

Vejamos o que diz no manual sobre a situação no “Café”:

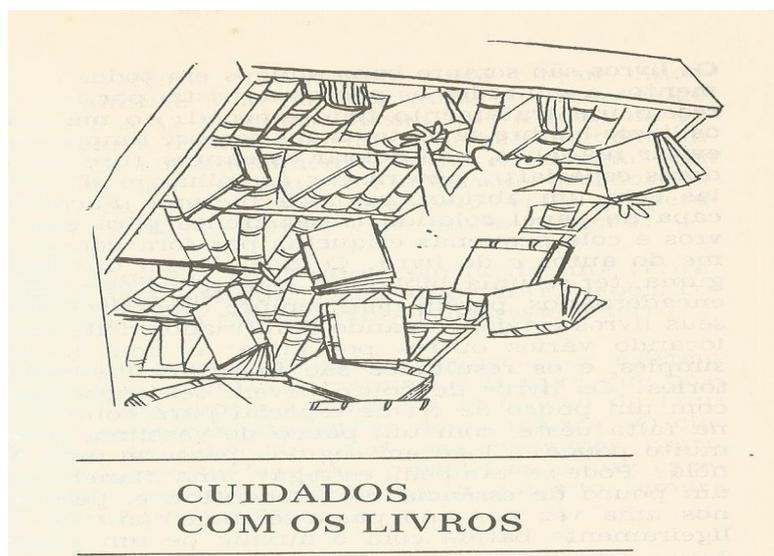
⁷ James Dean nasceu 8 de fevereiro de 1931, em Marion, Indiana, tornando-se uma personalidade amplamente admirada na tela, uma personificação da juventude inquieta-americana de meados da década de 50, e uma concretização do título de um de seus filmes “Rebelde Sem Causa.” (BIOGRAFIA... 2015)

Nos chamados “cafés-expressos” um cavalheiro não deve dirigir galanteios às moças encarregadas do serviço, já que para a maioria delas representa situação de verdadeiro constrangimento, dar ouvidos a conversas e brincadeiras, quase sempre de mau gosto, pois, fazendo parte de seu trabalho uma boa atenção para com os fregueses, não há possibilidade de uma reação oportuna. (MARIA, 1961: 65)

Utilizaremos, para somar no conteúdo de nossas pesquisas, o manual de conduta intitulado “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, escrito por Vera Sterblitch, viabilizado pela mesma editora que publicara “*Aprenda as Boas Maneiras*”. O manual de Sterblitch é direcionado, especificamente, ao público feminino de classe alta, haja vista que há capítulos sobre os cuidados que a dona deve ter para com casacos de peles, joias, dentre outros objetos que geralmente não são encontrados nas casas dos menos afortunados.

As imagens encontradas nesses manuais também tem a função de aconselhar, contendo os deveres dessas mulheres, nas quais aparecem como as verdadeiras “rainhas do lar”, mantendo a ordem e o controle sobre aquele ambiente, apesar dos esforços de impedimento do marido preguiçoso e trapalhão ali representado, como é o caso da imagem exposta na Figura 2, retirada do manual “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, visto que “as ilustrações compõem, no seu conjunto, a imagem do disciplinamento, colocando num primeiro plano as posturas corretas”, como saliente Rocha (2003, p.210)

FIGURA 2 – Cuidados com os livros



Fonte: STERBLITCH, Vera, 1958: 113.

No caso da imagem da Figura 2 em específico, observamos muito além da imagem do homem trapalhão, podemos ler a divulgação da casa e dos pertences desta, se tratando de uma casa que tem uma estante cheia de livros, da-nos a entender que se trata de uma família letrada e bem abastada financeiramente, pois possuir uma biblioteca em casa não era algo rotineiro nas casas das décadas de 50 e 60, visto que livros custavam caro, mesmo as edições de bolso, de certa forma, pesavam financeiramente para o cidadão brasileiro, que se manifestava em êxtase com todas as

modernidades advindas com a modernidade.

Porém, sabemos que ler é essencial. Dora Maria, inclusive no seu manual de conduta “*Aprenda as Boas Maneiras*”, influencia seu leitor a prática frequente da leitura para que este perpetue essa ideia: “Quem lê, embora se restrinja a um pequeno círculo de amizades, embora pertença a um meio humilde, saberá como comportar-se em todas as ocasiões e encontrará melhor saída no trato para com os seus semelhantes.” (MARIA, 1961: 45) Daí que a leitura é essencial, inclusive para com as boas maneiras, como diz a autora, haja vista que fora a leitura daquele manual de conduta que permitiria ao leitor um comportamento mais adequado perante a sociedade de acordo com Dora Maria.

Em contraposição a Dora Maria, Vera Sterblitch, de forma geral, preza pela perfeição, principalmente quando ela diz na apresentação do manual “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, que “acreditamos, porém, que fazer as coisas bem, é da alçada de todas nós e, por isso mesmo, por que não realizamos perfeitamente as nossas tarefas de dona-de-casa?” (STERBLITCH, 1958: 7) Quando ela faz esse tipo de questionamento, subentende-se, diante dos discursos subsequentes, que ela não se refere a apenas as atividades domésticas cotidianas, como também refere-se à beleza, estigmatizando o viés de que a mulher deve ter um tempo em sua rotina para manter-se sempre bela para o marido, inclusive porque os novos eletrodomésticos permitiam esse tempo: “Aparelhos elétricos bem cuidados são aparelhos que cuidarão de você sob todos os pontos-de-vista...”. (ibidem, p,90)

Já a Dora Maria (ibidem: 149) pensa de outra forma a questão da perfeição: “Ninguém é perfeito, pois a imperfeição é característica da humanidade, todavia, há em nosso íntimo um anseio secreto de perfeição, que talvez seja o toque divino dentro da nossa constituição humana.”. Dora, sempre que possível, evidencia a questão da religião em seu texto, como se o homem fosse estimulado pela fé para agir para consigo e para com o próximo, e apesar de a perfeição aparentemente não ser atingível, a busca deva permanecer, pois só se destacam aqueles que procuram a excelência, não só para si e para o âmbito da casa, mas em detrimento a tudo.

Tanto “*Aprenda as Boas Maneiras*”, como “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, tiveram suas primeiras edições respectivamente nos anos de 1961 e 1958, o primeiro possui 152 páginas e uma metodologia de textos e gravuras, nelas há exemplos das diversas situações propostas pela Dora Maria, desde durante um casamento ou num baile ou até mesmo a ilustração da expressão de que se faz ao acordar depois de um descanso. Dora Maria também acrescenta, por exemplo, itens adicionais para acrescentar à sabedoria do leitor: soma-se citações de pensadores importantes como Pitágoras⁸, assim como o hino nacional brasileiro está presente no texto da autora, quando ela

8 Dora Maria cita “Aos Deuses imortais, o culto consagrado rende e tua fé conserva e prestigia dos heróis imortais a imárcida lembrança.” (ibidem, 82)

circula questões referentes ao civismo e aos símbolos da pátria.

O segundo manual, “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, possui 187 páginas e, da mesma forma que “*Aprenda as Boas Maneiras*”, é recheado de textos e gravuras, desta vez as imagens demarcam um casal em suas vidas cotidianas e a forma pelas quais eles passam pelas situações recorrentes de suas vidas, com ambos os personagens assumindo seus respectivos papéis, a mulher geralmente é retratada empenhada nas atividades domésticas, enquanto o homem aparece como o que atrapalha essas atividades ou o que se mete em encrencas. No manual, há contido formas detalhadas de como manter a casa sempre limpa, Vera Sterblitch cita, inclusive, quais os produtos de limpeza que devem ser usados, os que não devem ser usados e de que forma deve ser feito o uso.

Percebemos que o manual “*Aprenda as Boas Maneira*’s aparenta ser mais “moderno” que “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*,” principalmente ao que diz respeito a trabalho, tendo em vista que há um tópico no capítulo sobre trabalho intitulado: “A Mulher que Trabalha”, em que Dora (ibdem, p.32), diz que “já se considera obsoleta a ideia de que trabalhando fora do lar, a mulher não poderia ser boa esposa”. O livro segue uma linha de pensamento ligado ao ideal de família nuclear burguesa para a época, entretanto, não deixando de lado certas tradições, como por exemplo, as que forem relacionadas à religião.

As obrigações religiosas são o complemento espiritual da vida de cada cidadão e, aos pais, cumpre obedecer-lhes, encaminhando os filhos dentro dos seus respectivos princípios religiosos, desde o nascimento; a sociedade, todavia, determina obrigações civis indispensáveis, como continuação ao acatamento à lei, dentro do lar, construído pelo matrimônio. (MARIA, 1961: 12)

O perfil feminino elaborado pela Dora Maria é o da boa moça que trabalha, que lida com a vida tanto no público quanto do privado, mas, nem por isso, deixa de ter pudor, sabe se comportar e procura lidar, inclusive, com as adversidades, seja o preconceito por parte do público masculino, como também fazer estabelecer a própria consciência de pertencimento da figura feminina nesses locais.

Quando a maioria das mulheres, convencendo-se das verdades aqui expostas, adotarem-nas, como parte de sua própria natureza, verá, com nobre e sã alegria o seu trabalho adquirir valor desconhecido até então aos seus próprios olhos, que reduzirá a nada o perigo de futuramente vir a sofrer por causa das colegas de seu marido ou porque tenha que mandar uma filha para o trabalho, fora de casa. (MARIA, 1961: 35)

Já no manual escrito por Sterblitch, a configuração da figura feminina é um tanto quanto diferente, até mesmo por que se trata de um público específico, sendo ele estritamente destinado às mulheres de classe média/alta que se limitam ao espaço privado, à boa dona de casa. Visto que esse

público era, até meados da primeira metade do século XX, ignorados pela literatura, seja na imprensa ou em outros dispositivos de entretenimento⁹, as mulheres poucas vezes eram o público-alvo dos textos e, quando eram, muitos dos casos eram homens que escreviam para as mulheres, segundos seus preceitos e modos de ver masculino, dando opiniões e normatizando públicos femininos.

Havendo livros no estilo dos manuais de conduta, que se dirigissem especificamente a aquela “dona de casa”, explicando de forma sumária e bem detalhada questões referentes à vida cotidiana desta senhora, fazia com que, de certa forma, a configuração da mulher brasileira se modificasse, tornando-a leitora, o que nos leva a pensar que fazia dela (a leitora) especial, por ser alvo principal desta literatura.

Vera Sterblitch em “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, procura se aproximar da leitora, fazendo com que a conexão entre escritor e leitor seja mais forte e, conseqüentemente, o sentimento de personagem principal desta história seja vinculado à senhora do lar, pois o manual oferece dicas que, muitas vezes, imprime questões pessoais (quando Sterblitch escreveu sobre a exterminação dos insetos na casa, por exemplo, ela diz que quando vê uma barata fica toda arrepiada) da própria autora para com sua protagonista leitora. Vera fala, ainda, de cuidados, dá ideias e dicas de como manter as coisas dentro dos conformes entendidos por ela na casa, além de exprimir soluções para problemas que possam aparecer no dia a dia da dona de casa, a apropriação destas ideias dão um norteamento as leitoras dos sentidos de certo e errado, fazer e não fazer, ou seja, uma forma maniqueísta de perceber os espaços, as coisas e seu modo de viver.

Quanto à leitura e a apropriação das ideias, Chartier (apud OLIVEIRA, 2011, p.73). diz que os leitores.

Fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos.

Desta forma, Sterblitch expressa a sua leitora modos de como ser uma perfeita dona de casa e expõe como ela deve mostrar-se perante o outro e orgulhar-se de fazê-lo:

Será que você é uma dona de casa que pode colocar as panelas em exposição permanente? E' realmente uma beleza ter se panelas brilhantes e sempre limpinhas e parece até que temos mais prazer em cozinhar, e os quitutes saem mais gostosos... porém como conservá-las sempre bonitas, eis a dúvida cruel! (STERBLITCH, 1958: 74)

⁹ Salientando que haviam jornais, revistas e livros para moças, como os assinados por M. Delly, assim como veículos de informação destinados a grupos mistos de leitores, o que nos cabe aqui informar é que esta ainda era uma literatura em fase de propagação.

Vera Sterblitch ensina, inclusive, como cuidar das roupas, a lavar, passar e remendar. Pensar na mulher dona de casa idealizada pela autora, nos remete à uma educação da organização, da limpeza, de uma árdua jornada de trabalho que, definitivamente, não parece ter fim, visto que ela pensa em cada detalhe da casa, desde em referência a manchas quaisquer nas roupas, até a forma pela qual se deve limpar o chão, sendo o chão o “espelho da boa dona de casa” (STERBLITCH, *ibidem*, 40), como também ela indica quais produtos devem ser comprados para a manutenção da casa, como comprá-los e avaliá-los, por essa visão, é perceptível que Sterblitch visava a perfeição.

O sabão duro é o mais econômico, pois dura muito mais. Um bom sabão reconhece-se pela consistência e deve ser oleoso sem engordurar. O sabão não deve ficar viscoso quando velho. A melhor maneira para saber-se se um sabão é de boa qualidade é dissolver um pedaço em água. E esta não deverá apresentar resíduos nem impurezas. (STERBLITCH, 1958: 129)

Já na perspectiva da Dora Maria, quando se dirige ao âmbito doméstico, apesar dela permear os mais diversos âmbitos, ela se manifesta diretamente ao “chefe da família”, exprimindo que ele deve ser tratado com respeito por todos os membros da casa, mas, nem por isso, deve impor temor a estes, e logo dá conselhos de como deve ser o tratamento deste com a esposa e filhos.

Dê a sua esposa o lugar que lhe cabe e, por bastante pobre que seja, não a considere em casa como um instrumento permanente de trabalho doméstico; faça dela sua companheira de lutas e discuta os problemas de vida diária apenas com ela. (MARIA, 1961: 13)

Diante disso, indaga-se: por que Dora Maria não se refere à mulher neste ponto do livro, mas apenas ao “chefe da casa”? Não parece ser ponto de interesse da Dora Maria, que logo se refere à mulher, mas no que concerne ao trabalho, pois na casa, ela se limita ao homem. É como se o que houvesse a ser dito à mulher, o leitor(a) já soubesse, devido a tradição desta no âmbito doméstico, a novidade mesmo, devia-se a figura feminina no âmbito do trabalho, assim como em outros locais que não se limitavam à apenas a casa, só se, na casa, a família estivesse com convidados, aí a situação se configurava, e a autora, neste ponto, exprime-se a toda a família explicando como serem bons anfitriões.

Conclusão

Por conta disso, é de certa forma fácil entender o porquê de alguns manuais sugerirem condutas mais apropriadas em uns do que em outros, visto que tudo era muito relativo, dependendo de qual público o manual se dirigiria, como por exemplo, classe social e região. Visto que a população ainda era sua maioria analfabeta, os manuais e suas normas acabavam por formar e ampliar os níveis de desigualdade social e cultural, colocando em um lado aqueles que sabiam se

comportar como normatiza a etiqueta, e em outro lado, aqueles que não detinham deste conhecimento. Pois tais manuais de conduta, representavam o bem viver da população, com suas nuances específicas para cada manual analisado, porém somados, eis a sociedade como um todo, uma sociedade mista, diversificada e, por fim, desigual.

Referências Bibliográficas

Agra do Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de Cidade – Campina Grande (1959)**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

ALMEIDA, M. A. B. De, GUTIERREZ, G. L. **Análise do desenvolvimento das práticas urbanas de lazer relacionadas a produção cultural no período nacional-desenvolvimentista à globalização**. Rev. bras. educ. fis. esporte (Impr.), vol.25, no.1, São Paulo Jan./Mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092011000100013> Acesso em 13 de fevereiro de 2015.

BIOGRAFIA – James Dean. Disponível em: <<http://www.jamesdean.com/about/bio.html>> Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, v.1, 1990.

GOMES, A.C. (Org). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

MARIA, Dora. **Aprenda as Boas Maneiras**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1961.

OLIVEIRA, I. B. **Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30)**. Recife: UFPE, 2002, 348 f, Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade – A França no Século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Fapesp, 2003.

SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus Problemas: Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezense da Década de 1950**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

STERBLITCH, Vera. **O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1958.